

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DO PANTANAL
CURSO DE LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS E HABILITAÇÃO
PORTUGUÊS/ESPAÑHOL**

**ALLYSON FREITAS MANCILHA
ELEN MACIEL SALES
JULIANA DE OLIVEIRA DOS SANTOS**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS E
PARTICULARES DE CORUMBÁ-MS: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA.**

CORUMBÁ-MS

2024

ALLYSON FREITAS MANCILHA
ELEN MACIEL SALES
JULIANA DE OLIVEIRA DOS SANTOS

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE CORUMBÁ-MS: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado aos Cursos de Letras/Inglês e Letras/Espanhol do Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Habilitação em Português/Inglês e/ou Letras Habilitação em Português/Espanhol, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosangela Villa da Silva.

CORUMBÁ-MS

2024

ATA DE DEFESA

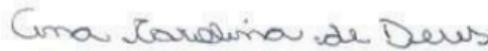
ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano de dois mil e vinte e quatro, às 9 horas, via Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos professores Rosangela Villa da Silva (UFMS) – Orientadora/Presidente, Me. Ana Carolina de Deus, Me. Daniel Abud Marques Robbin e Me. Stael Moura da Paixão Ferreira para a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciados em Letras: Habilitação em Português e Inglês e em Letras Português e Espanhol, dos acadêmicos Allyson Freitas Mancilha, Ellen Maciel Sales e Juliana de Oliveira dos Santos, com a apresentação do trabalho intitulado **Variação linguística e preconceito em escolas públicas e particulares de Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística**. Após a apresentação e as arguições dos membros da Banca Examinadora, o trabalho foi aprovado. Eu, Rosangela Villa da Silva, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente Ata, que será assinada por mim e pelos demais examinadores.

Documento assinado digitalmente

 ROSANGELA VILLA DA SILVA
Data: 04/02/2024 16:38:55-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Rosangela Villa da Silva – Presidente.



Ana Carolina de Deus – Membro.

Documento assinado digitalmente

 DANIEL ABUD MARQUES ROBBIN
Data: 02/02/2024 15:41:08-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Daniel Abud Marques Robbin – Membro.

Documento assinado digitalmente

 STAEL MOURA DA PAIXAO FERREIRA
Data: 04/02/2024 13:49:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Stael Moura da Paixão Ferreira – Membro.

AGRADECIMENTOS

À suprema divindade, a quem dedicamos nossos primeiros agradecimentos, expressamos nossa gratidão por guiar nossos passos ao longo desta jornada acadêmica. Acreditamos que, sob sua orientação, fomos capazes de superar desafios e alcançar este momento significativo em nossas vidas. A ti, Deus, rendemos nossas mais profundas reverências.

Agradecemos às nossas famílias, base sólida de nossos sonhos, pelo apoio incansável, amor e compreensão. Cada membro desempenhou um papel único em nossa jornada e, por isso, expressamos nossa eterna gratidão.

À orientadora, Rosangela Villa da Silva, agradecemos pela orientação sábia, paciência e dedicação ao nosso crescimento acadêmico. Suas sugestões moldaram este trabalho e nosso entendimento da matéria.

À instituição de ensino, UFMS – CPAN, dedicamos nossos agradecimentos pelo ambiente propício ao aprendizado, pelos recursos e pela excelência acadêmica.

À acadêmica Flavianny Monteiro Carvalho, do Curso de Letras Português/Inglês, expressamos nossa profunda gratidão por sua colaboração indispensável ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Sua assistência foi crucial e valorizamos imensamente sua contribuição para o sucesso deste projeto.

A todos os amigos, colegas e participantes da pesquisa, nossa sincera gratidão pelo apoio ao desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sem cada um de vocês, este trabalho não teria atingido seu pleno potencial.

Nossos agradecimentos se estendem a todos que integram esta jornada acadêmica, sendo uma conclusão acadêmica e um tributo às influências que moldaram nosso percurso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA	7
FUNDAMENTO TEÓRICO	9
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE CORUMBÁ-MS: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA	12
RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	14
Afirmativa 1: O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola.	14
Afirmativa 3: Eu falo bem	16
Afirmativa 7: Para escrever bem devo melhorar meu jeito de falar.	18
Afirmativa 18: O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito.	20
RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES	22
Afirmativa 3: Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito.	22
Afirmativa 5: Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia.	23
Afirmativa 9: O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática	24
Afirmativa 12: Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português.	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXOS	30

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES DE CORUMBÁ-MS: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA.

Allyson Freitas Mancilha¹

Elen Maciel Sales²

Juliana de Oliveira dos Santos³

Rosângela Villa da Silva⁴

RESUMO: A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre dentro de uma língua. Suas variações são percebidas na fala de seus usuários, e isso ocorre por diversos fatores, como região onde vive o falante, faixa etária, grupo social, gênero, etnia, entre outros. O não reconhecimento da legitimidade dessas variações contribui para o pensamento errôneo de que existe uma única língua considerada “correta” pelas normas gramaticais, fazendo surgir preconceito. O preconceito linguístico é uma prática discriminatória que exclui e desvaloriza a riqueza e a pluralidade das variações linguísticas. A finalidade da pesquisa é investigar se os alunos têm consciência de variação linguística e qual a atitude deles diante desse fato, registrando-se a presença ou ausência de preconceito linguístico no contexto educacional explorado, especificamente nas turmas do ensino fundamental e médio em Corumbá-MS. Participaram da pesquisa 64 alunos e 8 professores de língua portuguesa de escolas públicas e privadas, sendo 2 escolas da periferia e 2 escolas da área central. O material utilizado para comprovar nossas hipóteses foi questionário estruturado para descrever um diagnóstico da situação aplicado aos alunos e professores. Os resultados apontam que tanto alunos de escolas públicas quanto de escolas particulares, do ensino fundamental e médio, reconhecem a diversidade linguística como um elemento cultural, no entanto ainda há necessidade de fortalecer práticas educativas que valorizem as variações linguísticas e contribuam para uma sociedade mais inclusiva. Em relação aos professores, alguns demonstraram formação sociolinguística no curso de graduação, mostrando conhecimento sobre diferentes formas de falar, adequação comunicativa e ensinando aos alunos que não existe uma língua única, nem uma língua mais bonita que a outra, e que todos devem respeitar o modo de falar de seus interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; educação básica; preconceito linguístico; Corumbá - MS.

ABSTRACT: Linguistic variation is a natural phenomenon that occurs within a language. Its variations are perceived in the speech of its users, and this happens due to various factors, such as the region where the speaker lives, age group, social group, gender, ethnicity, among others. The failure to recognize the legitimacy of these variations contributes to the mistaken belief that there is a single language considered "correct" by grammatical norms, leading to the emergence of prejudice. Linguistic prejudice is a discriminatory practice that excludes and devalues the richness and plurality of linguistic variations. The purpose of the research is to investigate whether students are aware of linguistic variation and what their attitude is towards this fact, recording whether there is linguistic prejudice in the educational context explored, specifically in elementary and high school classes in Corumbá-MS. 64 students and 8 Portuguese language teachers from public and private schools participated in the research, including 2 schools in peripheral areas and 2 schools in the central area. The material used to support our hypotheses was a structured questionnaire to describe a diagnosis of the situation applied to students and teachers. The results indicate that both students from public and private schools, in elementary and high school, recognize linguistic diversity as a cultural element; however, there is still a need to strengthen educational practices that value linguistic variations and contribute to a more inclusive society. Regarding teachers, some demonstrated sociolinguistic training in the undergraduate course, showing knowledge about different ways of speaking, communicative adequacy, and teaching students that there is no single language, nor a more beautiful language than another, and that everyone should respect the way their interlocutors speak.

KEYWORDS: Linguistic variation; basic education; linguistic prejudice; Corumbá - MS

¹ Graduando em Letras Português/Inglês da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Câmpus do Pantanal

² Graduando em Letras Português/Inglês da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Câmpus do Pantanal

³ Graduando em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Câmpus do Pantanal

⁴ Professora Titular da UFMS. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho-UNESP (Câmpus de Assis), com Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra, Portugal. Contato: rosangela.villa@ufms.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar o nível de conhecimento dos informantes sobre variação linguística e a presença ou ausência de preconceito linguístico por parte de alunos de escolas particulares e públicas, entre alunos do ensino fundamental e médio e entre seus professores. A interpretação foi baseada nas respostas dos estudantes e professores da educação básica de Corumbá-MS, cidade localizada na fronteira entre Brasil e Bolívia. Uma das escolas envolvidas faz parte do Programa de Residência Pedagógica (PRP) da UFMS/CAPES, do subprojeto Português, orientado pela professora Dra. Rosangela Villa da Silva, segundo as normas constantes no Edital Capes nº 24/2022; Portaria CAPES nº 82, de 26 de abril de 2022, desenvolvido no Câmpus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O subprojeto Português destina-se a alunos dos cursos de Letras com habilitação em Português/Espanhol e Português/Inglês, e conforme a Portaria GAB nº38, de 28 de fevereiro de 2018, o PRP tem como objetivo o aperfeiçoamento da formação prática dos discentes dos cursos de licenciatura, exercendo de forma ativa a relação entre teoria e prática, assegurando aos alunos egressos habilidades e competências no qual lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica. A motivação deste trabalho surge a partir do momento em que o conteúdo "variação linguística" foi introduzido em uma aula do Programa, percebendo-se o pouco conhecimento dos alunos em relação ao tema, assumindo-se uma atitude preconceituosa em relação às variantes linguísticas.

A análise da variação linguística na fronteira do Brasil com a Bolívia, em Corumbá, Mato Grosso do Sul, discutida no livro “Língua, literatura e identidades culturais da fronteira Brasil-Bolívia”, Silva e Ferreira (2020), revela uma complexa interligação entre a teoria linguística e a realidade sociocultural local. A professora Rosangela, em sua coluna no Diário Online (2018), ressalta a ocorrência natural de variações linguísticas em contextos comunicativos espontâneos, porém alerta para a tendência de interpretação negativa dessas variações, resultando em preconceito linguístico. Essa perspectiva negativa, conforme Silva e Ferreira (2020), encontra reflexo na fronteira do Brasil com a Bolívia, em Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, onde fatores sociais, históricos e culturais moldam as escolhas linguísticas dos falantes, determinando diferentes registros, estilos e normas, conforme o contexto e a intenção comunicativa.

No âmbito das variações linguísticas em Corumbá, a riqueza e a complexidade desse fenômeno são evidenciadas em múltiplos níveis, desde aspectos fonéticos, morfológicos e

sintáticos até semânticos e pragmáticos. A variedade na pronúncia do /r/ final, a concordância verbal com sujeito posposto, o uso do pronome pessoal átono como objeto direto, a alternância entre os artigos definidos o/a e el/la, a presença de neologismos, regionalismos, bem como a variação no emprego de formas de tratamento e modalizadores discursivos, delineiam uma expressão linguística distinta e característica da região. Assim, a complexa interconexão entre a teoria linguística, a percepção social das variações e a diversidade linguística concreta na fronteira Corumbá e Bolívia sublinha a importância de abordagens inclusivas e respeitadas à variação linguística, reconhecendo-a como um enriquecimento cultural e expressivo. (SILVA E FERREIRA, 2020)

O preconceito linguístico pode afetar a autoestima, a identidade e o desempenho escolar dos alunos, além de dificultar o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da ‘unidade’ do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. (BAGNO, 2007, p. 18)

Ao romper com o mito da homogeneidade linguística, as escolas e demais instituições dedicadas à educação e cultura podem proporcionar uma visão mais fiel da riqueza e complexidade linguística que caracteriza o Brasil. Tal reconhecimento é crucial para o desenvolvimento de políticas educacionais mais eficazes, especialmente direcionadas à população frequentemente marginalizada que utiliza as variedades não-padrão do português. A mudança de perspectiva proposta por Bagno não apenas enriquece o panorama educacional, mas também fortalece a valorização da diversidade cultural do Brasil. Ao incorporar as variedades não-padrão do português no ambiente educacional, as instituições colaboram para a construção de uma sociedade mais justa e consciente da pluralidade linguística, contribuindo para a superação de estigmas e preconceitos linguísticos que perpetuam desigualdades. Portanto, a adoção dessa abordagem mais inclusiva representa um passo significativo na promoção da igualdade de oportunidades e no reconhecimento da riqueza que as diferentes formas de expressão linguística trazem para a identidade cultural brasileira.

A pesquisa se baseia na abordagem sociolinguística, reconhecendo a diversidade e legitimidade das diferentes formas de falar uma língua. A hipótese sustenta que os alunos e professores de escolas públicas e particulares de áreas centrais e periferias de Corumbá - MS apresentam diferentes graus de conhecimento e atitude em relação à variação linguística e ao

preconceito linguístico. Para testar essa investigação, aplicaram-se questionários a 64 alunos e 8 professores de língua portuguesa de quatro escolas selecionadas, sendo duas escolas públicas, uma situada na área central da cidade e outra na periferia; e duas escolas particulares, uma localizada na área central e outra na periferia. Os resultados foram analisados considerando critérios como nível de escolarização, gênero, localização da escola e perfil da escola, seja privada ou pública.

O trabalho está dividido em seções: a primeira seção apresenta a introdução, a segunda seção descreve a metodologia utilizada no desenvolvimento do trabalho, em seguida, temos a seção de fundamentação teórica, onde se discutem os conceitos de variação linguística e preconceito linguístico; a seção de interpretação e análise de dados coletados, analisando-os sob uma perspectiva sociolinguística; a seção das considerações finais, que lista os resultados, as limitações e sugestões para trabalhos futuros, as referências bibliográficas e, por fim, os anexos, que contêm os questionários aplicados nas escolas.

METODOLOGIA

O presente trabalho é uma abordagem quali-quantitativa da Sociolinguística, que procura verificar se alunos e professores da educação básica de escolas de Corumbá, Mato Grosso do Sul, têm algum conhecimento de variação linguística, e se, quanto à atitude linguística, há algum tipo de preconceito. Para isso, foram utilizados questionários objetivo e descritivo e os informantes foram estratificados em nível de escolarização, gênero, se pertencentes à escola pública ou privada, se as escolas estão localizadas em área central ou na periferia da cidade.

A seleção de duas escolas da área central da cidade, uma particular e uma pública, e de duas escolas da área de periferia, uma pública e uma privada, foi necessária para que fosse efetuada a análise comparativa dos dados e dos resultados, método relevante na pesquisa sociolinguística. O questionário foi aplicado a alunos e professores das quatro escolas selecionadas. O quadro 1 demonstra a estratificação dos informantes discentes.

Quadro 1. Estratificação dos alunos participantes da pesquisa por escola

2 Escolas Públicas		2 Escolas Particulares	
Escola 1 área central.	Escola 2, área periferia.	Escola 3, área central.	Escola 4, área periferia.
16 – Alunos (as)	16 – Alunos (as)	16 – Alunos (as)	16 – Alunos (as)
8–Ensino Fundamental	8–Ensino Fundamental	8–Ensino Fundamental	8 – Ensino Fundamental
4 - Gênero Masculino	4 - Gênero Masculino	4 - Gênero Masculino	4 - Gênero Masculino
4 – Gênero Feminino	4 – Gênero Feminino	4 – Gênero Feminino	4 – Gênero Feminino

8 – Ensino Médio			
4 - Gênero Masculino			
4 – Gênero Feminino			

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro de dados apresenta as seguintes informações:

- Região: Central e de periferia.
- Tipo de escola: Pública e particular
- Nível de ensino: Fundamental e médio
- Gênero: Masculino e feminino

Para a interpretação das respostas dos alunos, foram escolhidas 4 afirmativas do Questionário 2 - questionário de questões objetivas, composto de 19 afirmativas, sendo elas:

Questões para os alunos: Afirmativa 1: “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola” | **Afirmativa 3:** Eu falo bem | **Afirmativa 7:** Para escrever bem devo melhorar meu jeito de falar. | **Afirmativa 18:** O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito.

O questionário utilizado na pesquisa com os participantes (alunos e professores) foi adaptado a partir do questionário utilizado na pesquisa de mestrado da acadêmica Ana Carolina de Deus, com o tema “Variação Linguística: Crenças e a Atitudes de Alunos do Ensino Médio de escola Pública de Campo Grande -MS.” (DEUS, 2023), pela UEMS.

Os professores envolvidos na pesquisa foram oito, sendo dois professores de cada uma das quatro escolas selecionadas, conforme quadro 2.

Quadro 2. Estratificação dos professores participantes da pesquisa por escola.

2 Escolas Públicas		2 Escolas Particulares	
1 na área Central da cidade, escola 1.	1 na periferia da cidade, escola 2.	1 na área Central da cidade, escola 3.	1 na periferia da cidade, escola 4.
02 – Professores (as)	02 – Professores (as)	02 – Professores (as)	02 – Professores (as)
1 – Ensino Fundamental	1 – Ensino Fundamental	1 – Ensino Fundamental	1 – Ensino Fundamental
1 – Ensino Médio	1 – Ensino Médio	1 – Ensino Médio	1 – Ensino Médio
Formação entre 10 a 5 anos	Formação entre 32 a 05 anos	Formação entre 05 a 03 anos	Formação entre 07 a 05 anos
UFMS – CPAN	UFMS – CPAN	UFMS – CPAN	UFMS - CPAN

Para a análise das respostas dos professores participantes da pesquisa foram destacadas quatro afirmativas também do questionário 2.

Questões aplicadas aos professores: Afirmativa 1: Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito | **Afirmativa 3:** Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia. | **Afirmativa 7:** O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática. | **Afirmativa 18:** Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português.

Essas afirmativas foram escolhidas estrategicamente, permitindo verificar pelas respostas se os informantes possuem conhecimento de variação linguística, e se revelam algum tipo de preconceito linguístico. Isso também é de suma importância para analisar as respostas registradas e avaliar o conhecimento dos alunos sobre a temática da variação linguística, é preciso observar se pertencem a escolas públicas ou privadas, residem em áreas periféricas ou centrais, frequentam o ensino fundamental ou médio, e se são do gênero feminino ou masculino. Dessa forma, será possível identificar se há diferenças na compreensão da temática, evidenciando se demonstram menor, maior ou nenhum conhecimento. Ao analisar as respostas, foi possível identificar padrões e discrepâncias, contribuindo para uma compreensão mais profunda do conhecimento dos informantes alunos e professores sobre variação e preconceito linguístico. Essa abordagem metodológica direcionada permitiu valiosa compreensão das dinâmicas linguísticas no ambiente educacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para embasar a pesquisa e fornecer subsídios no processo de detecção de preconceitos em relação à variação linguística por parte dos alunos e professores participantes, e para avaliar se esses participantes, principalmente os alunos, possuem noção de variação linguística, consultaram-se diversas fontes teóricas e estudiosos da Sociolinguística Marcos Bagno (2007), autor do livro "Preconceito Linguístico: o que é, como se faz", oferece uma visão profunda sobre as origens, mecanismos e consequências do preconceito linguístico, argumentando que esse fenômeno social discrimina e marginaliza falantes de diferentes variedades linguísticas, contribuindo para a perpetuação de desigualdades sociais.

A Sociolinguística Educacional é um campo de estudo que investiga a relação entre a linguagem, a sociedade e o contexto educacional. Ela busca compreender como as variações linguísticas, como sotaques, gírias e registros, influenciam e são influenciadas pelo processo

de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as obras de Bortoni-Ricardo (2004) e Faraco (2008, 2015) apresentam uma compreensão dessa interação.

Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma abordagem pedagógica baseada na noção de letramentos, que são as práticas sociais de uso da escrita em diferentes contextos e comunidades. Ela afirma que os alunos devem ser expostos a diferentes gêneros textuais e discursivos, que refletem diferentes modos de interação e de construção de sentido. A mesma também defende que os alunos devem ser orientados a reconhecer e a valorizar as variedades linguísticas que eles próprios usam e que encontram em seu entorno, desenvolvendo uma competência comunicativa que lhes permita adequar sua linguagem às diferentes situações e finalidades.

Faraco (2008) propõe uma pedagogia da variação linguística, que consiste em ensinar a língua portuguesa a partir da observação e da análise dos fenômenos de variação que ocorrem na fala e na escrita dos brasileiros. Ele argumenta que a variação linguística é um fenômeno natural e inerente à língua, que revela aspectos históricos, sociais, culturais e cognitivos dos falantes. O autor defende que a variação linguística deve ser tratada como um recurso expressivo e estilístico, que enriquece a comunicação e a criatividade, sugerindo que os professores devem trabalhar com textos autênticos e diversificados, que mostrem as diferentes formas de usar a língua portuguesa em diferentes contextos e registros.

Silva e Ferreira (2020) fazem uma análise profunda das relações entre norma padrão, norma culta e hibridismo linguístico no contexto específico da tradução de artigos jornalísticos do inglês para o português. As autoras reconhecem a norma padrão como um modelo linguístico idealizado, presente em gramáticas e manuais de estilo, embora enfrentam desafios práticos ao lidar com sua falta de adaptação à dinâmica linguística plural dos falantes. Contrastando com essa rigidez, destacam a norma culta como expressão mais flexível e adaptável, incorporando naturalmente variações regionais e registros informais em diferentes contextos sociais. No contexto do hibridismo linguístico, percebem-no como fenômeno enriquecedor, revelando a mescla de elementos de diferentes normas e registros na produção textual, acentuando-se na tradução, onde os tradutores enfrentam o desafio de conciliar normas linguísticas de duas línguas distintas. Ambas enfatizam a importância de reconhecer e apreciar o hibridismo linguístico como expressão da diversidade linguística, contribuindo para a inovação e expressividade na comunicação.

No livro de Bortoni-Ricardo, *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula* (2004), a autora discute como os professores de língua portuguesa lidam com as diferenças entre a norma padrão e as variedades linguísticas dos alunos, e quais são as

implicações pedagógicas e sociais dessa prática. Ela afirma que a correção da norma linguística do aluno em sala de aula é uma atividade complexa e controversa, que envolve questões de poder, identidade, preconceito e cidadania. Além disso, critica a visão prescritivista e normativa da língua, que ignora a diversidade e a variação linguística existentes no Brasil, e que impõe um modelo idealizado e inacessível de língua, que exclui e estigmatiza os falantes de outras variedades. Em contrapartida, propõe uma abordagem sociolinguística e dialógica da língua, que reconhece e valoriza as diferentes formas de falar e escrever dos alunos, e que promove uma reflexão crítica e consciente sobre as normas e os usos linguísticos em diferentes contextos e situações. Nesse sentido, defende que a correção da norma linguística do aluno em sala de aula deve ser feita de forma negociada e colaborativa, respeitando a intenção comunicativa e a identidade do aluno, e orientando-o para o uso adequado e eficaz da língua em diferentes gêneros textuais e registros. Por fim, ressalta que a norma padrão não é única e imutável, sendo crucial reconhecer a diversidade linguística e valorizar diferentes normas.

A obra "Gramática e Interação" de Eni P. Orlandi Travaglia, publicada em 1999, aborda questões cruciais relacionadas ao ensino da gramática, com ênfase na interação discursiva. A linguista argumenta que o ensino gramatical não deve ser isolado do uso prático da linguagem em contextos comunicativos. Ao explorar modalidades de ensino, a autora desafia práticas tradicionais que fragmentam o estudo gramatical do contexto mais amplo da comunicação, propondo uma abordagem integrada que leve em conta o uso efetivo da linguagem pelos alunos. A professora defende que a reflexão sobre a língua é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que os alunos compreendam como a gramática está intrinsecamente ligada ao ato comunicativo.

A implementação de atividades interativas no ensino de gramática é discutida por Travaglia (1999), incluindo práticas que envolvem os alunos em situações reais de comunicação, onde a reflexão sobre as estruturas linguísticas ocorre contextualmente. A ênfase na contextualização do ensino de gramática, relacionando-o a situações reais de uso da língua, visa tornar o aprendizado mais significativo para os alunos, conectando a teoria gramatical à prática discursiva. No cerne da abordagem da autora, está a importância da interação na sala de aula, explorando como as interações entre professores e alunos podem ser potencializadas para promover uma compreensão mais profunda das estruturas linguísticas.

A sociolinguística, como um farol que ilumina a complexa relação entre linguagem e sociedade, nos guia para uma subárea crucial: o estudo das crenças, atitudes, avaliações e percepções linguísticas. Essa área, como um microscópio social, examina como indivíduos e

grupos pensam, sentem e avaliam diferentes variedades linguísticas, como sotaques, dialetos e estilos de fala, desvendando as nuances que moldam a maneira como nos comunicamos, nos identificamos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

Os pioneiros na Sociolinguística, como William Labov, desempenharam um papel fundamental ao lançar as bases para a investigação das implicações sociais da linguagem. Labov (2008 [1972]), por exemplo, por meio da influência do estigma linguístico nas oportunidades de emprego e na mobilidade social, evidencia como as variedades linguísticas podem ser usadas como critério discriminatório, ou seja, o estigma sobre a maneira como as pessoas falam pode afetar diretamente no acesso a melhores oportunidades no mercado de trabalho, conseqüentemente, dificultando a ascensão social por parte desses falantes. Suas pesquisas destacam a urgência de compreender a linguagem não apenas como um fenômeno estritamente linguístico, mas também como uma força que molda dinâmicas sociais significativas. Wallace e Lambert (1966) aprofundaram a pesquisa, revelando a relação entre atitudes linguísticas e desempenho escolar, expondo a complexa interconexão entre linguagem, identidade e sucesso acadêmico.

No contexto brasileiro, a prof.^a Dra. Toshiko Oushiro (2019) tem sido uma voz fundamental, explorando como crenças e atitudes linguísticas moldam a construção de identidades e a reprodução de desigualdades sociais, lançando luz sobre as nuances da diversidade linguística no Brasil e seus impactos na sociedade. Fenner e Corbari (2004) expandiram a análise para diferentes contextos sociais, como a escola, o mercado de trabalho e a mídia, fornecendo uma visão abrangente de como as crenças linguísticas permeiam diversos âmbitos da vida social, moldando as relações interpessoais e as oportunidades de cada indivíduo.

Na educação básica, pesquisas como as de Rocha e Biondo (2020) revelam que crenças e atitudes dos professores em relação à variedade linguística dos alunos podem influenciar negativamente suas práticas pedagógicas, enquanto Rocha (2020) demonstra que os alunos podem internalizar crenças negativas sobre sua própria fala, impactando seu desempenho escolar, autoestima e autoconfiança.

Compreender a complexa teia de crenças, atitudes, avaliações e percepções linguísticas é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa área de pesquisa contribui para o combate ao preconceito linguístico e à discriminação, promovendo a inclusão social e a equidade na educação, além de fortalecer a identidade e a autoestima dos indivíduos. Ao desvendarmos os mecanismos que moldam a percepção da linguagem,

podemos construir um futuro onde a diversidade linguística seja valorizada e celebrada, e cada indivíduo possa se comunicar livremente, sem o estigma do julgamento.

Além disso, a Sociolinguística contribui para o desenvolvimento da competência crítica dos alunos, capacitando-os a analisar e avaliar o uso da língua em diferentes contextos. Conforme destacado por Marcos Bagno (2002, p. 45), "ela se revela como uma ferramenta importante para combater o preconceito linguístico, a discriminação de formas de falar por motivos ideológicos, políticos ou econômicos." Por fim, essa disciplina auxilia os alunos a compreenderem que não existe uma única forma correta de falar uma língua, combatendo, assim, o preconceito linguístico e ressaltando a legitimidade de todas as variedades linguísticas.

Araújo & Marine (2020) enfatizam a importância, no contexto escolar, de reconhecer a diversidade do Português falado no Brasil e de respeitar as diferentes formas de expressão dos alunos. Destacam-se a necessidade de práticas educacionais inclusivas que promovam a aceitação e valorização das diversas manifestações linguísticas presentes na sociedade.

Na Sociolinguística, a variação linguística substitui a noção de "falar errado", e esse fenômeno ocorre quando uma língua apresenta diferentes formas de expressão influenciadas por fatores sociais, geográficos, históricos, culturais e situacionais. Essa variação abrange todos os níveis da língua: fonético, morfológico, sintático, semântico e pragmático. As variações linguísticas são consideradas naturais e inevitáveis, uma vez que as línguas são sistemas dinâmicos que se adaptam às necessidades e mudanças dos falantes. Essas variações são reconhecidas em quatro tipos principais: diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica.

A variação diatópica, conforme destacado por Bagno (2007), é um fenômeno natural resultante da interação entre falantes de uma mesma língua sujeitos a diversas influências sociais, culturais e históricas. Essa variação reflete as diferentes formas de expressão linguística em diferentes regiões. A variação diacrônica, conforme explicado por Cunha e Cintra (2017), refere-se às mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, abrangendo as transformações linguísticas que se manifestam ao longo dos séculos. A variação diastrática, conforme observado por Castilho (2001), está relacionada às diferenças linguísticas associadas aos grupos sociais. Essa variação destaca as distintas formas de linguagem utilizadas por diferentes segmentos da sociedade. Já a variação diafásica, conforme elucidado por Scherre (2009), diz respeito às variações linguísticas em função da situação comunicativa. Essa variação destaca as diferenças nas formas de expressão linguística em diferentes contextos e situações. Esses diferentes tipos de variação linguística são inerentes a todas as línguas, refletindo as diversidades sociais, culturais e históricas dos falantes. A compreensão

dessas variações é crucial para evitar preconceitos e julgamentos em relação à forma como as pessoas se expressam, promovendo uma apreciação mais abrangente e respeitosa da riqueza linguística.

O preconceito linguístico é a avaliação depreciativa da fala alheia, associando-a a variedades linguísticas ligadas a grupos socialmente menos prestigiados (SCHERRE, 2019). Faraco e Zilles (2015) em "Pedagogia da Variação Linguística" explora a relação entre a valorização de certas variedades linguísticas, identidades sociais e poder, propondo a Pedagogia da Variação Linguística como combate ao preconceito, ampliando a compreensão do fenômeno, e discutem a importância dessa abordagem para o ensino de língua portuguesa. As autoras argumentam que a pedagogia da variação contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes da riqueza e da diversidade da língua portuguesa.

Cyranka (2013), em seu artigo "A pedagogia da variação linguística e o ensino de português no Brasil", também destaca o potencial transformador dessa pedagogia. A autora defende a necessidade de uma educação linguística que valorize a diversidade e promova a inclusão social. A pedagogia da variação linguística se configura como um importante instrumento para o combate ao preconceito linguístico e para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Através do reconhecimento e da valorização da diversidade linguística, podemos construir pontes entre diferentes culturas e promover o diálogo intercultural.

No "Curso de Linguística Geral" (1996), Ferdinand de Saussure apresenta uma análise estrutural da linguagem, que, embora inovadora para sua época, não aborda diretamente as complexidades socioculturais do idioma. Para desconstruir estereótipos linguísticos e promover uma visão mais abrangente da linguagem, é necessário reexaminar as ideias de Saussure à luz de teorias contemporâneas, incorporando a dimensão social do discurso. Saussure (1996) propôs que o signo linguístico é arbitrário, ou seja, não existe uma relação natural entre o significante (imagem sonora) e o significado (conceito). Essa perspectiva permite reconhecer a diversidade da variação linguística e questionar a concepção de um único "padrão" correto. De acordo com Saussure, o valor de um signo linguístico é derivado de sua relação com outros signos dentro do sistema. Essa teoria pode ser aplicada para analisar como o prestígio social de diferentes variedades linguísticas é construído e como determinados dialetos ou sotaques podem ser estigmatizados.

A variação linguística não implica certo ou errado, mas diferentes formas de uso da língua, cada uma com suas particularidades. Lygia de Assis Silva (2020), no seu trabalho "Como Trabalhar a Variação Linguística na Sala de Aula?", destaca a necessidade de uma abordagem reflexiva sobre a língua em sala de aula, preenchendo a lacuna entre teoria e

prática na tratativa da variação linguística. Conscientizar os alunos sobre a diversidade linguística, valorizando as diferentes formas de falar, é uma estratégia eficaz (BAGNO, 2014). A correção linguística, quando construtiva, contribui para o desenvolvimento comunicativo, enquanto o preconceito linguístico revela uma atitude prejudicial que desconsidera a diversidade cultural e identitária dos falantes.

O preconceito linguístico nas escolas brasileiras tem raízes históricas ligadas à colonização, desvalorizando línguas indígenas e africanas (OLIVEIRA e SILVA, 2019). Bagno (2007) argumenta que a “unidade linguística do Brasil” é um mito, propondo uma abordagem educacional crítica e democrática que valorize as diversas formas de expressão como patrimônio cultural. O preconceito linguístico é um problema social que afeta os direitos humanos e a dignidade das pessoas. Manifestações como piadas, xingamentos e exclusões ocorrem em diversos contextos, gerando sofrimento e evidenciando a necessidade de combatê-lo em todas as esferas sociais (FREITAS, 2018).

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

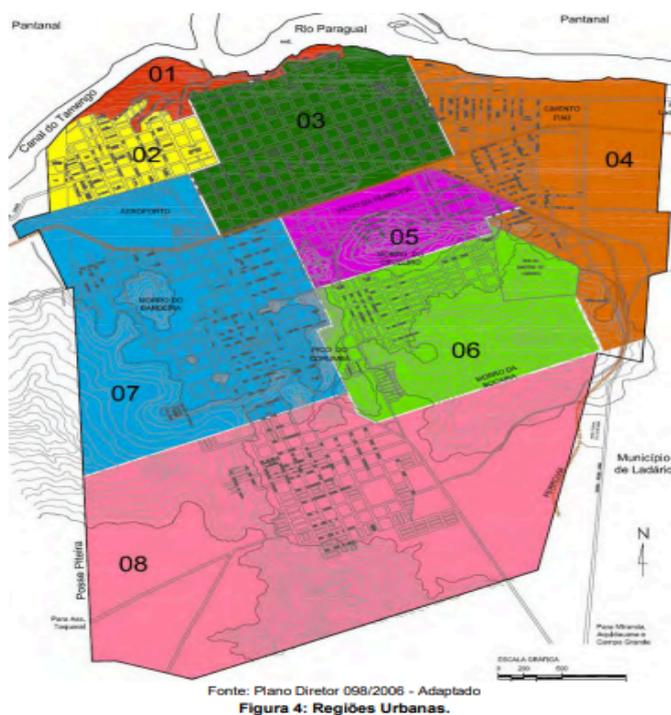
A pesquisa foi conduzida na região urbana do município de Corumbá - Mato Grosso do Sul, envolvendo a seleção de duas escolas da área central da cidade e duas escolas da periferia, com uma escola particular e uma escola pública em cada região geográfica. As duas escolas da área central, denominadas escola 1 (escola pública) e escola 2 (escola particular), foram escolhidas devido à proximidade com o centro da cidade. A região urbana 2 (RU 02) é constituída pelos bairros Dom Bosco, Arthur Marinho e Generoso. As instituições de ensino nesta área situam-se na região central, próximas a locais como a Praça da Independência, a Catedral de Nossa Senhora da Candelária e o Mercado Municipal. A região urbana 3 (RU 03) abrange os bairros Centro e Borrowski. As escolas nessa região estão centralmente localizadas, proporcionando às crianças que frequentam essas instituições acesso a uma variedade de serviços e oportunidades.

As regiões RU 04 e RU 06, localizadas na periferia de Corumbá, apresentam um cenário socioeconômico e urbano significativamente distinto da região central. De acordo com dados do IBGE (2020), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dessas regiões é inferior à média da cidade, evidenciando uma concentração maior de famílias de baixa renda e menor acesso a serviços básicos como educação, saúde e transporte. Essas regiões são caracterizadas por uma infraestrutura mais precária e por uma menor oferta de serviços e oportunidades. A escolha dos termos "central" e "periferia" foi feita com base na localização

geográfica das escolas participantes da pesquisa. As escolas localizadas na região central da cidade foram consideradas "escolas da área central", enquanto as escolas localizadas na periferia da cidade foram consideradas "escolas da periferia".

Essa distinção é importante porque pode influenciar o uso da língua pelas crianças. As crianças que vivem em áreas centrais, com acesso a uma variedade de serviços e oportunidades, têm maior probabilidade de ter contato com o português padrão. Já as crianças que vivem em áreas de periferias, com acesso a uma infraestrutura mais precária, têm maior probabilidade de usar uma variedade linguística mais informal ou estigmatizada. Ao realizar a pesquisa em escolas localizadas em diferentes regiões da cidade, os pesquisadores podem comparar o uso da língua por crianças de diferentes contextos sociais. Isso pode contribuir para o entendimento da relação entre a língua e a sociedade.

Figura 1. Mapa geográfico dos Bairros de Corumbá-MS.



Fonte: Plano Diretor 098/2006 - Adaptado
Figura 4: Regiões Urbanas.

Fonte: Sanesul, 2016⁵

LEGENDA

- Região Urbana 1 (RU 01) – Cervejaria, Beira Rio e Porto Geral;
- Região Urbana 2 (RU 02) – Dom Bosco, Arthur Marinho e Generoso;
- Região Urbana 3 (RU 03) – Centro e Borrowski;
- Região Urbana 4 (RU 04) – Previsul, Universitário, Industrial e Maria Leite;
- Região Urbana 5 (RU 05) – Centro América e Popular Velha;

⁵ SANESUL, 2016. Disponível em [21.-Corumbá.pdf \(segov.ms.gov.br\)](http://21.-Corumbá.pdf(segov.ms.gov.br)) Acesso em 17 jan 2024

Região Urbana 6 (RU 06) – Cristo Redentor;
Região Urbana 7 (RU 07) – Aeroporto, Nossa Senhora de Fátima, Jardim dos Estados e Popular Nova;
Região Urbana 8 (RU 08) – Guarani, Guatós e Nova Corumbá

Para a análise dos dados, foram selecionadas quatro afirmativas do questionário objetivo, denominado questionário 2, para os alunos, e quatro afirmativas do questionário objetivo aplicado aos professores. As afirmativas diferiram entre os dois questionários. O questionário objetivo foi respondido por 64 alunos, totalizando dezenove afirmativas, das quais quatro foram retiradas para análise. As quatro afirmativas escolhidas foram consideradas as mais representativas para a pesquisa, levando em conta o tema e o objetivo proposto. As respostas foram representadas com base em variáveis como a localização geográfica da escola, distinguindo entre aquelas situadas em área central da cidade ou na periferia; o nível de escolarização, separando os alunos do ensino fundamental e do ensino médio; o perfil da escola, classificando se é particular ou pública; e o gênero do informante, diferenciando entre alunos do gênero feminino e masculino.

RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Afirmativa 1: O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola.

Quadro 3. Resultado das respostas dos alunos para “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola” considerando o perfil da escola.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
18/32 (56%)	14/32 (44%)	16/32 (50%)	16/32 (50%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Nesta afirmativa “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola”, observa-se que o total de verdadeiro tanto das escolas públicas quanto das particulares são próximos. Porém observando a afirmativa “Falso” nota-se que a escola pública apresenta um percentual inferior a 50%. Isso significa que os alunos das escolas públicas participantes do trabalho concordam mais com essa afirmativa que os alunos das escolas particulares. Por outro lado, isso evidencia que mais alunos da escola particular consideram falsa a afirmativa “**O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola**”, ou seja, para a maioria dos alunos das escolas particulares não é uma condição para falar bem seguir o que os livros da escola trazem.

É possível afirmar ainda, com esse resultado, que os alunos das escolas públicas são menos cobrados na sua maneira de falar, não estando o tempo todo com o professor ressaltando para seguirem a gramática para poder falar bem. Ou ainda, é possível que os alunos das escolas particulares se sintam mais confiantes na sua maneira de falar ou que já tenham absorvido a norma padrão, no qual é variedade linguística oficial, codificada em gramáticas e dicionários. É um modelo idealizado, nem sempre presente na fala cotidiana, razão pela qual se sentem independentes na escolha do seu repertório e no seu próprio monitoramento linguístico. Embora a diferença seja sutil no resultado dos alunos de escolas públicas, é possível notar que boa parte deles pensam de forma semelhante.

Quadro 4. Resultado das respostas dos alunos para “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola” considerando nível de escolarização e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
11/16	5/16	7/16	9/16	10/16	6/16	6/16	10/16
(69%)	(31%)	(44%)	(56%)	(63%)	(37%)	(37%)	(63%)

Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com o resultado, mais de 60% dos alunos do ensino fundamental, tanto de escolas públicas quanto privadas, concordam que **"O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola"**. Entretanto, ao analisar os alunos do ensino médio, observa-se que mais de 55%, tanto em escolas públicas quanto particulares, discordam dessa afirmativa. Tal constatação sugere que os estudantes do ensino médio, independentemente da natureza da instituição de ensino, possivelmente desenvolvem uma maior confiança em sua expressão linguística. Isso pode ser atribuído a uma educação linguística e crítica mais aprofundada, assim como ao processo de conscientização linguística realizado durante o ensino médio.

Quadro 5. Resultado das respostas dos alunos para “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola” considerando as variáveis gênero do informante, localização da escola e perfil da escola.

Feminino				Masculino			
Escola de Periferia		Escola de área Central		Escola de Periferia		Escola de área Central	
Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
6/16	10/16	14/16	2/16	3/16	13/16	11/16	5/16

(37%)	(63%)	(88%)	(12%)	(19%)	(81%)	(69%)	(31%)
-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

Fonte: Elaborado pelos autores

O resultado apresentado revela que as alunas das escolas, tanto as da escola particular como as da escola pública, da área central de Corumbá, informantes do gênero “feminino”, são aquelas que mais concordam com a afirmativa **“O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola”**. Por outro lado, os alunos, informantes do gênero “masculino”, também alunos de escolas da área central da cidade, demonstraram aceitação a essa afirmativa, com 69% de concordância. Essa estratificação foi interessante, pois quando observamos o comportamento dos informantes por gênero, percebemos que os alunos das escolas de periferia, tanto da escola particular quanto da escola pública, não concordam ou concordam muito pouco com essa afirmativa, vejam os resultados no quadro 3: 63% das alunas das escolas de periferia, tanto escola particular quanto pública, mostram que para elas essa afirmativa é falsa, enquanto nas respostas dos alunos 81% apontam para o mesmo posicionamento.

Quadro 6. Resultado das respostas dos alunos para “O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola” considerando o perfil da escola: Pública vs. Particular

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (Escolas 2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
18/32 (56%)	14/32 (44%)	16/32 (50%)	16/32 (50%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Na afirmativa **“O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola.”**, 56% dos alunos da escola pública ressaltam a crença de que o português segue uma norma padrão. Esse resultado vem ao encontro de discussões em sala de aula na disciplina Sociolinguística, com a professora Rosangela Villa da Silva, no curso de Letras da UFMS, Câmpus do Pantanal, de que ainda há uma tendência muito grande dos alunos se sentirem “deficientes linguísticos”, pois os professores sempre os corrigem a “falar bem”. Por outro lado, nas escolas particulares os dados demonstram que metade dos alunos concorda e a outra metade discorda da afirmativa analisada.

Afirmativa 3: Eu falo bem

Quadro 7. Resultado da afirmativa “Eu falo bem” considerando o perfil da escola.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso

23/32 (72%)	09/32 (28%)	24/32 (75%)	08/32 (25%)
-------------	-------------	-------------	-------------

Fonte: Elaborado pelos autores

Nos dados acima é possível observar que em ambos os tipos de escola, particular ou pública, localizadas em área central da cidade ou na periferia, os alunos apresentam uma confiança superior a 70% na afirmativa **“Eu falo bem”**. Isso pode significar que estão conscientes do papel da escola e da importância de seguir as orientações do professor de português para o seu bom desempenho linguístico.

Quadro 8. Resultado das respostas dos alunos para “Eu falo bem” considerando o nível de escolarização e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
10/16 (63%)	6/16 (37%)	13/16 (81%)	3/16 (19%)	12/16 (75%)	4/16 (25%)	11/16 (69%)	5/16 (31%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Observando-se os resultados do Quadro 8, 81% dos alunos do ensino médio das escolas públicas, tanto a localizada na área central da cidade quanto a situada na periferia, afirmaram que falam bem; e 63% dos alunos do ensino fundamental dessas escolas concordam com essa mesma afirmação. No resultado das escolas particulares percebe-se que a maioria dos alunos do ensino fundamental é que afirmaram falar bem, 75% dos alunos; enquanto somente 69% dos alunos do ensino médio afirmam falar bem. Entretanto, ambos os resultados refletem segurança no desempenho linguístico por parte desses alunos.

Quadro 9. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “Eu falo bem” considerando Gênero dos informantes e localização da escola.

Feminino				Masculino			
Escola de área de Periferia		Escola de área Central		Escola de área de Periferia		Escola de área Central	
Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
10/16 (63%)	06/16 (37%)	15/16 (94%)	1/16 (6%)	12/16 (75%)	4/16 (25%)	12/16 (75%)	4/16 (25%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Na estratificação dos alunos por gênero, notam-se nas respostas que as alunas das escolas da área central apresentaram percentual de 94% de concordância que falam bem, em

comparação às respostas das alunas das escolas de periferia, com 63%. Por outro lado, os alunos também apresentaram alto conceito em relação à afirmativa em análise, 75% dos alunos, tanto da escola pública quanto da escola particular, responderam afirmativamente que falam bem. William Labov (2008 [1972]), renomado linguista sociolinguista, iniciou uma discussão sobre o papel da mulher na mudança ou conservação da língua em seus estudos sobre variação sociolinguística. Ele observou que as mulheres geralmente adotam formas linguísticas em processo de mudança, associado à maior sensibilidade social, exposição a diferentes contextos e busca por prestígio. No entanto, Labov (1982) também apontou que as mulheres podem desempenhar um papel conservador ao manter formas linguísticas em declínio, influenciadas pela identificação com sua comunidade de origem, resistência a mudanças externas e expressão de identidade. O papel da mulher na mudança ou conservação da língua é complexo, dependendo de vários fatores, como o tipo de mudança, consciência, contexto de uso e situação social, resultando em uma variedade de possibilidades e escolhas.

Quadro 10. Resultado das respostas dos alunos para “Eu falo bem” considerando o Perfil da escola:
Pública vs. Particular

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (Escolas 2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
23/32 (72%)	9/32 (28%)	24/32 (75%)	8/32 (25%)

Fonte: Elaborado pelos autores

O resultado do quadro 10 revela que estratificando os 64 alunos em escola pública vs. escola particular, ambos os grupos definem que falam bem, 72% de alunos das escolas públicas e 75% de alunos das escolas particulares, localizadas em área central e na periferia de Corumbá-MS. Somente 28% dos alunos das escolas públicas e 25% dos alunos entrevistados nas escolas particulares disseram que não concordam que falam bem. Essa incerteza pode representar insegurança quanto ao desempenho linguístico pelas reiteradas cobranças dos professores nas correções de atividades orais em sala de aula.

Afirmativa 7: Para escrever bem, devo melhorar meu jeito de falar.

Quadro 11. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “Para escrever bem, devo melhorar meu jeito de falar” considerando o perfil da escola.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
18/32 (56,25%)	14/32 (43,75%)	10/32 (31,25%)	22/32 (68,75%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Cerca de 56% dos alunos de escola pública responderam positivo para a afirmativa **“Para escrever bem devo melhorar meu jeito de falar”**, o que significa que eles têm uma visão que existe um jeito de falar que influencia diretamente na forma de escrever, e que ele, o aluno, deve melhorar o seu jeito de falar para poder escrever melhor. Na escola particular, os alunos, em sua maioria discordam da afirmativa, foram 68% que discordaram da afirmativa que para escrever melhor precisam melhorar o jeito de falar. É possível que isso aponte para um cuidado maior na modalidade escrita da língua, seguindo a norma culta, tradicionalmente valorizada, ao sugerirem que o modo de falar pode não ter efeito tão grande no jeito de escrever, mostrando opinião que não precisa melhorar/mudar o jeito de falar para escrever bem. Isso pode mostrar também que os alunos têm uma certa consciência da variação linguística que envolve a fala, e que, portanto, a fala é diferente da escrita.

Quadro 12. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “Para escrever bem, devo melhorar meu jeito de falar”, considerando o nível de escolarização e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
4/16 (25%)	12/16 (75%)	14/16 (87%)	2/16 (12%)	5/16 (31%)	11/16 (68%)	5/16 (31%)	11/16 (68%)

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro 12 revela que no ensino médio de escolas públicas 87% dos estudantes do ensino médio acreditam que melhorar sua forma de falar é crucial para escrever bem, em contraste com o ensino fundamental na mesma rede que nega essa afirmação. Por outro lado, 68% dos alunos das escolas particulares, tanto do fundamental quanto do ensino médio, negaram a afirmativa que para escrever bem precisam melhorar o jeito de falar, Isso é bastante significativo, pois revela que os alunos das escolas particulares de área central e da periferia apontam conhecimento que fala e escrita são âmbitos diferentes da língua, e revela nível de consciência para a variação linguística. Mas também pode revelar uma segurança exacerbada na confiança de que falam muito bem e que não precisam monitorar a linguagem oral ou praticar a adequação linguística.

Quadro 13. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “Para escrever bem, devo melhorar meu jeito de falar” considerando Gênero dos informantes, Perfil da escola e a Localização geográfica.

Feminino				Masculino			
Escola de área de Periferia		Escola de área Central		Escola de área de Periferia		Escola de área Central	
Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
8/16 (50%)	8/16 (50%)	7/16 (44%)	9/16 (56%)	6/16 (32%)	10/16 (63%)	7/16 (44%)	9/16 (56%)

Fonte: Elaborado pelos autores

O resultado do quadro 13 revela que o fator gênero masculino teve maior destaque nos resultados, mostrando que 56% dos alunos das escolas particulares e 63% dos alunos da escola pública da área central de Corumbá, MS, discordam que para escrever bem deverão melhorar o jeito de falar. Em relação às alunas das escolas da periferia, as respostas revelam indiferença, com 50% para verdadeiro e 50% para falso. Os resultados sugerem que os alunos envolvidos na pesquisa podem estar adotando uma perspectiva mais flexível e contemporânea em relação à relação entre fala e escrita. Eles questionam o aspecto normativo e prescritivo da língua, que tradicionalmente é enfatizado por professores de português, indicando uma consciência crescente de que a fala difere da escrita, permitindo a variação linguística nesse domínio, conforme anteriormente apontado neste trabalho.

Quadro 14. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “Para escrever bem, devo melhorar meu jeito de falar” considerando o Perfil da escola: Pública vs Particular

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
18/32 (56%)	14/32 (44%)	10/32 (31%)	22/32 (69%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Levando em consideração os resultados obtidos no quadro 14, é possível afirmar que os alunos da escola particular, juntos alunos de ambos os gêneros, apresentam uma visão que não é necessário falar bem para escrever bem. 56% dos alunos nas escolas públicas, tanto na área central quanto na periferia, indicam que a gramática prescritiva é necessária para um desempenho oral eficaz, o que, por conseguinte, contribuiria para o aprimoramento da escrita. Essa divergência pode ser interpretada como uma manifestação das diferentes perspectivas educacionais entre as instituições, onde as escolas particulares adotam uma abordagem mais contemporânea em relação à relação entre fala e escrita, enquanto as escolas públicas enfatizam a importância da gramática prescritiva para o desenvolvimento eficaz da linguagem oral e escrita.

Afirmativa 18: O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito.

Quadro 15. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “O jeito de falar em Corumbá - MS é bonito” considerando o perfil das escolas.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
19/32 (59%)	13/32 (41%)	22/32 (69%)	10/32 (31%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados mostraram que os alunos de Corumbá-MS, tanto de escolas públicas quanto privadas, têm uma visão positiva sobre a variedade linguística local. A maioria dos alunos concorda que “O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito” a valorização da variedade local pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural da cidade.

No livro **Aspectos da pronúncia do/s/ em Corumbá - MS - uma abordagem sociolinguística** (2004), a autora Rosângela Villa da Silva analisa a pronúncia do fonema /s/ em coda silábica na cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. A pesquisadora conclui que a forma palatalizada do /s/, representada pelo fonema /ʃ/, é a mais empregada na linguagem dos corumbaenses. A autora ressalta que essa forma de pronúncia reflete a pronúncia predominante dos corumbaenses e que deve ser considerada como um traço cultural legítimo da região, além de argumentar que a forma palatalizada do /s/ é mais fácil de pronunciar do que a forma alveolar, representada pelo fonema /s/.

Quadro 16. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “O jeito de falar em Corumbá - MS é bonito” considerando nível de escolarização e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
8/16 (50%)	8/16 (50%)	11/16 (69%)	5/16 (31%)	10/16 (63%)	6/16 (37%)	12/16 (75%)	4/16 (25%)

Fonte: Elaborado pelos autores

O resultado descrito no quadro 16 revela que, de uma forma geral, os alunos atribuem valor de prestígio ao jeito de falar dos corumbaenses. Ao se estratificar os alunos por nível de escolarização, 69% dos alunos do ensino médio das escolas públicas e 75% dos alunos das escolas particulares afirmaram que o jeito de falar em Corumbá - MS é bonito, valorizando a variedade linguística local. É possível atribuir essa conduta à maior exposição desses alunos a diferentes variedades linguísticas, quer seja em diálogo direto ou por meios televisivos,

radiofônicos ou de rede social; à maior maturidade intelectual por efeito de maior escolarização; e ao questionamento das normas e valores da língua.

Quadro 17. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “O jeito de falar em Corumbá - MS é bonito” considerando as variáveis gênero do informante, localização da escola e perfil.

Feminino				Masculino			
Escola de área de Periferia		Escola de área Central		Escola de área de Periferia		Escola de área Central	
Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública		Particular / Pública	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
8/16 (50%)	8/16 (50%)	10/16 (63%)	6/16 (37%)	13/16 (81%)	3/16 (19%)	10/16 (62%)	6/16 (37%)

Fonte: Elaborado pelos autores

No quadro acima, mais de 60% dos alunos do gênero masculino das escolas públicas (81%) e particulares (62%), afirmaram que “O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito” ao reconhecerem de forma positiva a variedade linguística local. Os alunos das escolas da periferia foram os que mais enfatizaram a resposta positiva, com 81%. Em relação à postura das alunas, nas escolas da periferia o resultado foi indiferente, sendo 50% para a escola particular e 50% para a pública; nas escolas da área central, 63% responderam que o jeito de falar na cidade é bonito e 37% disseram ser falsa essa afirmativa.

Quadro 18. Resultado das respostas dos alunos para a afirmativa “O jeito de falar em Corumbá - MS é bonito” considerando o Perfil da escola: Pública vs Particular

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
19/32 (59%)	13/32 (41%)	22/32 (69%)	10/32 (31%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Ao levar em conta apenas a estratificação dos alunos pelo perfil das escolas em que estudam, notamos que nas escolas particulares 69% dos alunos entrevistados afirmaram que “O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito”; nas escolas públicas foram 59% dos alunos que concordaram com a afirmativa. Isso é um resultado bastante significativo e mostra a valorização, como dito antes neste estudo, da cultura linguística local. A leve diferença entre os alunos das escolas particulares e públicas no resultado da forma positiva de enxergarem a linguagem local pode ser devido às escolas particulares terem currículos mais abrangentes, com disciplinas de língua e literatura. Isso pode ajudar os alunos a apreciarem a beleza da linguagem independente de sotaques e aumentar a valorização da linguagem desses grupos.

RESULTADO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES

Para a análise dos dados foram escolhidas quatro afirmativas do questionário 2, o questionário objetivo, aplicado aos docentes. Oito professores responderam ao questionário objetivo com total de dezenove afirmativas, sendo retiradas quatro para análise, as afirmativas 3, 5, 9 e 12. Representou-se as respostas estratificadas nas variáveis localização geográfica da escola, se localizada em área central da cidade ou se na periferia; perfil da escola, se escola particular ou pública e pelo nível de escolarização, se é professor do ensino médio ou do ensino fundamental. Desconsiderou-se a variável gênero dos professores, pois não se obteve a mesma correspondência nas 4 escolas participantes.

Afirmativa 3: Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito.

Quadro 19. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito” considerando o perfil da escola.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
1/4 (25 %)	3/4 (75 %)	0/4 (0 %)	4/4 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados dos professores mostram que há uma diferença significativa na percepção dos professores de escolas públicas e privadas em relação à afirmação “Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito”. Enquanto 25% dos professores de escolas públicas concordaram com essa afirmação, 75% discordaram. Nas escolas privadas, por outro lado, 100% dos professores concordaram com a afirmação. Isso mostra que esses professores têm conhecimento de variação linguística e de adequação vocabular. É importante ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018 destaca a importância de ajustar a linguagem de acordo com o contexto social no qual se está inserido. Isso inclui o reconhecimento das normas linguísticas formais e informais, que podem variar em diferentes situações. A competência comunicativa, como discutida por Bortoni-Ricardo (2005, p. 68), abrange a competência linguística, sociolinguística, pragmática e estratégica. Isso implica não apenas o domínio gramatical, mas também a capacidade de adequar a fala às normas sociais, utilizar a linguagem para diversas funções comunicativas e empregar recursos verbais e não verbais para resolver problemas de comunicação

Quadro 20. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito” considerando nível de educação básica em que lecionam e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
1/2 (50%)	1/2 (50%)	0/2 (0%)	2/2 (100%)	0/2 (0%)	2/2 (100%)	0/2 (0%)	2/2 (100 %)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os dados da tabela mostram que a afirmação “Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito” é considerada “falsa” por 100% dos professores do ensino particular, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio. Já na instituição pública, apenas os professores do ensino médio apresentaram o mesmo resultado. Isso se dá devido a variação linguística estar prevista no ensino de língua portuguesa na BNCC e nos referenciais do estado de MS, e aos professores entrevistados estarem vivenciando essa prática e ensinando os conceitos de variação linguística aos alunos.

Quadro 21 – Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito” considerando o Perfil da escola: pública ou particular.

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
1/4 (25 %)	3/4 (75%)	0/4 (0%)	4/4 (100 %)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados da pesquisa destacam uma diferença marcante na percepção entre professores de escolas públicas e privadas em relação à afirmação "Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito". Na escola privada, todos os participantes responderam "Falso". De acordo com o estudo de Santos e Borges (2010) "os professores de escolas privadas tendem a ter uma formação mais aprofundada em pedagogia e didática, o que pode contribuir para uma melhor compreensão da natureza da língua e a importância de respeitar diversas formas de expressão oral e escrita". A BNCC (2018) destaca a importância de utilizar a variedade e o estilo de linguagem apropriados em diferentes contextos sociais, considerando a situação comunicativa, os interlocutores envolvidos e o gênero do discurso ou gênero textual.

Afirmativa 5: Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia.

Quadro 22. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia” considerando o perfil da escola: particular ou pública.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
2/4 (50%)	2/4 (50%)	2/4 (50%)	2/4 (50%)

Fonte: Elaborado pelos autores

A afirmação "Para escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia" gerou resultados divergentes entre os professores, com uma divisão equitativa de 50% concordando (verdadeiro) e 50% discordando (falso). Este resultado sugere uma falta de consenso entre os educadores quanto à relação direta entre o domínio das regras ortográficas e as habilidades de escrita. A BNCC (2018) destaca a importância do desenvolvimento de competências relacionadas à produção e compreensão de textos. Isso envolve não apenas o domínio da ortografia, mas também o conhecimento de outros aspectos linguísticos, como gramática, coesão textual, coerência e adequação ao gênero textual.

Quadro 23. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia” considerando nível de escolarização em que lecionam e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
1/2 (50%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)	01/2 (50%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)	1/2 (50%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Ambos os professores de escolas públicas e particulares no ensino fundamental e médio se mostraram divididos em relação à afirmação "Para escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia". Isso indica uma ausência de consenso entre os educadores, sugerindo que há opiniões divergentes quanto à importância direta do domínio das regras ortográficas na habilidade de escrever bem. Na BNCC (2018) o componente curricular fala em considerar os diferentes contextos sociais, considerar a situação comunicativa, os interlocutores envolvidos e o gênero do discurso ou gênero textual.

Quadro 24. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia” considerando o perfil da escola: Pública vs Particular.

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
2/4 (50%)	0/4 (0%)	2/4 (50%)	0/4 (0%)

Fonte: Elaborado pelos autores

A afirmação "Para escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia" provocou opiniões divergentes entre os membros da equipe escolar, apresentando uma distribuição equitativa de 50% concordando (verdadeiro) e 50% discordando (falso). Esses resultados indicam uma falta de consenso dentro do ambiente educacional sobre a conexão direta entre o domínio das regras ortográficas e as habilidades de escrita. A BNCC preconiza uma abordagem integrada para o ensino da língua escrita, considerando não apenas a ortografia, mas também outros aspectos linguísticos, como gramática, coesão textual, coerência e adequação ao gênero textual.

Afirmativa 9: O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática

Quadro 25. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática” considerando o perfil da escola: particular ou pública.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
2/04 (50%)	02/04 (50 %)	0/04 (0 %)	04/04 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os professores de escolas particulares discordam da afirmação "O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática", enquanto na escola pública não há concordância plena sobre a afirmação. Esta diferença de perspectivas destaca a falta de consenso entre os educadores de ambas as instituições sobre a necessidade de aderir estritamente às regras gramaticais para ser considerado um bom professor de português. É previsto nas competências da BNCC uma abordagem mais abrangente para o ensino de língua, que vai além do foco exclusivo nas regras gramaticais e considera a língua como um fenômeno social complexo.

Quadro 26. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática” considerando nível de escolarização em que lecionam e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
01/02 (50%)	01/02 (50%)	01/02 (50%)	01/02 (50%)	0/02 (0%)	02/02 (100 %)	0/02 (0 %)	02/02 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os professores do ensino fundamental e médio da escola pública apresentaram um resultado uniforme, com uma divisão de 50% entre “verdadeiro” e “falso” da afirmação "O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática". Por outro

lado, os professores das escolas particulares discordaram dessa afirmação. Enquanto na escola pública não há consenso, na particular há uma inclinação para não considerar crucial seguir estritamente as regras gramaticais para ser um bom professor em sala de aula. A BNCC propõe que o professor de português seja um mediador entre as competências essenciais, valorizando a diversidade linguística, além de conseguir reconhecer a existência de diferentes formas de falar e escrever a língua portuguesa.

Quadro 27. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática” considerando o perfil da escola: Pública vs Particular.

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
02/4 (50%)	02/4 (50%)	0/4 (0 %)	04/4 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Na análise dos dados, observa-se uma tendência nas escolas particulares em relação à afirmação "O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática", com um total de 100% negando a afirmativa. De acordo com os estudos realizados por Paes, Franco e Mendonça (2007) "as escolas privadas, em média, apresentam maior autonomia pedagógica e curricular, o que lhes permite adotar métodos de ensino mais inovadores e flexíveis, como aqueles que enfatizam a comunicação e o desenvolvimento de habilidades sociais". No geral a BNCC descreve que o bom professor de português não é aquele que fala sempre de acordo com as regras de gramática, mas sim aquele que ensina os alunos a usar a língua de forma adequada, crítica e criativa em diferentes situações.

Afirmativa 12: Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português.

Quadro 28. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português” considerando o perfil da escola.

Escola Pública		Escola Particular	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
01/04 (25%)	03/04 (75 %)	0/04 (0 %)	04/04 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados da pesquisa sobre a afirmativa "Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português." indicam uma tendência grande de discordância. Na escola pública, apenas 25% dos participantes concordam, enquanto 75%

discordam. Já na escola particular, todos os entrevistados (100%) discordam da afirmação. A divergência nas respostas pode refletir as diferentes realidades, abordagens educacionais e expectativas presentes nos dois tipos de instituições. A BNCC (2018) defende que o ensino da língua portuguesa deve considerar as diferentes situações comunicativas, como as variedades linguísticas.

Quadro 29. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português” considerando nível de escolarização em que lecionam e o perfil da escola.

Escola Pública				Escola Particular			
Fundamental		Médio		Fundamental		Médio	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
0/02 (0%)	2/02 (100%)	01/02 (50%)	01/02 (50%)	0/02 (0 %)	02/02 (100%)	0/02 (0 %)	02/02 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Professores do ensino fundamental e médio em escolas particulares concordam 100% com a afirmativa "Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português". Na escola pública, discordância foi notada apenas entre os professores do ensino fundamental; no ensino médio, houve indecisão, com um a favor e outro contra. Perante o que a BNCC descreve em suas competências é necessário desenvolver as habilidades necessárias para se comunicar de forma eficaz, respeitando a diversidade e a pluralidade da língua portuguesa. O resultado aponta que os alunos podem ter competência na modalidade escrita sem que para isso tenham que falar como seu professor.

Quadro 30. Resultado das respostas dos docentes para a afirmativa “Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português” considerando o Perfil da escola: Pública vs Particular.

Escola Pública (1 e 3)		Escola Particular (2 e 4)	
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso
01/04 (25 %)	3/04 (75%)	0/04 (0%)	04/04 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores

A análise dos dados relativos à afirmação "Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português" aponta para uma tendência predominante de discordância. Na escola pública, apenas 25% dos participantes concordam, enquanto 75% discordam. Por sua vez, na escola particular, todos os entrevistados 100% manifestam discordância em relação a essa proposição. A BNCC afirma que o aprendizado da língua portuguesa não deve ser restrito à imitação do professor. Os estudantes devem ser estimulados

a usar a linguagem de forma criativa e original, de acordo com suas próprias experiências e perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise minuciosa das respostas obtidas no questionário objetivo revela divergências significativas entre as opiniões dos alunos e dos professores em relação ao conteúdo investigado. Esse contraste é particularmente evidente nos temas da correção linguística, variedades linguísticas, papel da escola na linguagem e preconceito linguístico. Ambos os grupos demonstram uma postura crítica e consciente, reconhecendo a diversidade linguística como um elemento enriquecedor da cultura. Este fenômeno é notável nas afirmativas 1 dos alunos e 12 dos professores, onde ambos os grupos apresentam tanto concordância quanto discordância com a afirmação. Contudo, existe uma necessidade de fortalecer práticas educativas que valorizem as variações linguísticas, sendo essencial para enriquecer a experiência educacional e contribuir para uma sociedade mais inclusiva.

A escola particular situada na periferia demonstrou um desempenho superior, destacando-se pelo amplo conhecimento e consideração pela diversidade linguística, pela redução do preconceito linguístico e pela valorização mais significativa da variante local. Este destaque é particularmente percebido nas respostas FALSO para as afirmativas 1, 7 e 18, que expressam uma visão normativa e prescritiva da língua, e nas respostas VERDADEIRO para a afirmativa 3, que expressa autoconfiança na forma de falar. Em contraste, a escola pública localizada na área central registrou o pior desempenho global, indicando uma compreensão e consideração diminuídas em relação à variação linguística, um aumento do preconceito linguístico e uma menor valorização da variante local. Esse quadro é notado pelo aumento significativo no percentual de respostas VERDADEIRO para as afirmativas 1, 7 e 18, além do menor percentual de respostas VERDADEIRO para a afirmativa 3.

A comparação entre o resultado registrado nas respostas dos alunos e professores das escolas localizadas na periferia e nas respostas dos informantes das escolas da região central reforça a tendência observada nas escolas, indicando que as da periferia obtiveram resultado superior, ou seja, a região de periferia apresentou uma maior diversidade e tolerância linguística, menor influência da norma padrão e maior identificação com a variedade local. Em contrapartida, a região central revelou uma menor diversidade e tolerância linguística, maior influência da norma padrão e menor identificação com a variedade local.

Espera-se que este trabalho possa contribuir significativamente para o avanço dos estudos sobre variação linguística e preconceito linguístico no município de Corumbá - MS, quer seja no contexto escolar, quer seja em outros âmbitos de uso do português, especialmente nas regiões urbanas; e para a melhoria substancial da qualidade do ensino de língua portuguesa nas escolas do município. Além disso, a expectativa é que este trabalho estimule novas pesquisas sobre o tema, proporcionando ampliação e aprofundamento dos conhecimentos e reflexões sobre a língua portuguesa em sua rica diversidade e complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A.; MARINE, T. **Trabalhando a Autoestima Linguística na EJA por meio de Dinâmicas de Grupo**. Revista Do Sell, 2020. Disponível em: <[Trabalhando a autoestima linguística na EJA por meio de dinâmicas de grupo | Revista do Sell \(uftm.edu.br\)](http://Trabalhando a autoestima linguística na EJA por meio de dinâmicas de grupo | Revista do Sell (uftm.edu.br))>. Acesso em: 28 Nov. 2023.

BAGNO, M. **A Língua como Instrumento de**

Poder.

2014.

Disponível

em:

<<https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>>.

Acesso em: 19 Jan. 2024.

BAGNO, M. **Língua, poder e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. Acesso em: 05 Jan. 2024.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz** (49ª ed.). São Paulo: Edições Loyola, 2007. Disponível em: <Marcos Bagno - Preconceito Linguístico (pdf)(rev) (professorjailton.com.br)>. Acesso em: 05 Jan. 2024.

Rocha, P. G.; Biondo, F. **É fato ou é fake? Notícias falsas e pós-verdade no ensino de língua portuguesa**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília. Acesso em: 05 Jan. 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Acesso em: 19 Jan. 2024.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O conceito de competência comunicativa**. In: D. M. S. Cagliari (Org.), **Competência comunicativa e ensino de línguas** (pp. 13-33). São Paulo: Cortez. 2005. Acesso em: 06 Fev. 2024.

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. Edital Capes nº 24/2022; Portaria CAPES nº 82, de 26 de abril de 2022. Brasília, DF: CAPES, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/29042022_Edital_1692979_Edital_24_2022.pdf>. Acesso em: 23 Jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Acesso em 24 jan. 2023.

CASTILHO, A. T. de. **Rumos da dialetologia portuguesa**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, 2001. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3512>>. Acesso em: 6 fev. 2024.

CORUMBÁ. **Plano Municipal de Saneamento Básico**. Corumbá: Prefeitura Municipal de Corumbá, 2019. Disponível em: <<https://www.epe.segov.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/01/21.-Corumb%C3%A1.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 2017. Disponível em: <[edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7643038/mod_resource/content/1/Cunha e Cintra - Nova gramática do português contemporâneo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7643038/mod_resource/content/1/Cunha_e_Cintra_-_Nova_gramatica_do_portugues_contemporaneo.pdf)>. Acesso em: 28 Nov. 2023.

CYRANKA, L. F. M. **Pedagogia da variação linguística e ensino de gêneros numa sociedade multidialetal**. Linhas Críticas, 2013, p.11-30. Acesso em: 28 Nov. 2023.

DEUS, A. C. **Variação Linguística: Crenças e Atitudes de Alunos do Ensino Médio de Escola Pública de Campo Grande-MS**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande. 2023. Acesso em 25 Set. 2023.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. **Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação? Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 43, n. 1, p. 489-499, 2014. Acesso em: 19 Jan. 2024.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/423962138/Faraco-2008-Afinando-Conceitos>> Acesso em: 06 Fev. 2024.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Pedagogia da Variação Linguística: Língua, Diversidade e Ensino**. Parábola, 2015. Acesso em: 06 Fev. 2024.

FERNANDES, E. A. M. **Variação linguística: introdução ao estudo da língua falada**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. Acesso em: 06 Fev. 2024.

FENNER, A. L.; CORBARI, C. C. **Algumas reflexões sobre o ensino de gramática em língua inglesa**. In: 6º Encontro do Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2004, Florianópolis. Acesso em: 06 Fev. 2024.

FREITAS, J. R. L.; VASCONCELOS, S. T. **Preconceito linguístico: reflexões sobre o papel docente na práxis educativa**. Revista de Educação do Vale do São Francisco, Petrolina. 2018. Disponível em: <Preconceito linguístico: reflexões sobre o papel docente na práxis educativa (ifes.edu.br)> Acesso em: 23 jan. 2024.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Acesso em: 23 Jan. 2024.

LABOV, W. **Construindo sobre bases empíricas**. In: Lehmann, W.; Malkiel, Y. (Eds.). *Perspectivas sobre a linguística histórica*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92. Acesso em: 19 Jan. 2024.

LABOV, W. **Padrão Sociolinguístico**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2008. (1972). Disponível em <[\(42\) William Labov | Natália Cucinello - Academia.edu](#)> Acesso em: 19 Jan. 2024.

PAES, R. B., Franco, S., & Mendonça, R. **Uma análise das principais causas da queda recente na desigualdade de renda brasileira**. Revista Brasileira de Economia, 2007. Disponível em <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/2699>> Acesso em: 19 Jan. 2024.

ROCHA, H. A. **Crenças e atitudes de alunos sobre sua própria variedade linguística: um estudo em uma escola pública de ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo. 2020. Acesso em: 06 Fev. 2024.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 12. Acesso em: 19 Jan. 2024.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL. **Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: SED/MS, 2018. Acesso em 24 jan. 2024.

SILVA, L. A. **COMO TRABALHAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA?**. 2020. CONEDU. Alagoas. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/trabalho/ev140_md1_sa8_id2528_11072020141324.pdf>. Acesso em: 12 Nov. 2023.

SILVA, R. V. **Aspectos da pronúncia do /s/ em Corumbá - MS - uma abordagem sociolinguística**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. Acesso em: 23 Jan. 2024.

SILVA, R. V. **Variação linguística: um fenômeno natural**. Diário Online. Disponível em: <<https://www.diarionline.com.br/?s=noticia&id=106228>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SILVA, R. V.; FERREIRA, S. M. P. **Língua, literatura e identidades culturais da fronteira Brasil-Bolívia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2020. Acesso em 19 jan. 2024.

SANTOS, A. S.; BORGES, C. L. C. **Variação linguística e ensino: uma abordagem sobre os livros didáticos de português**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2150>>. Acesso em: 06 fev. 2024.

SCHERRE, M. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. Rio de Janeiro: Revista Galileu, 5 nov. 2019. Acesso em: 10 Dez. 2023.

OLIVEIRA E SILVA, E. **Comportamento verbal e teoria das molduras relacionais: convergências e divergências a partir do contextualismo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília: UnB, 2019. Disponível em: <<https://uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2019/12/Comportamento-verbal-e-teoria-das-molduras-relacionais-convergencias-e-divergencias-a-partir-do-contextualismo.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2024.

OUSHIRO, T. **Crenças e atitudes linguísticas no Brasil: uma revisão crítica**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, 2019. Acesso em: 06 fev. 2024.

VILHASANTE, E. D. **Língua Falada e Língua Escrita: Variação Linguística e Preconceito na Escola.** São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/33891>>. Acesso em: 30 Nov. 2023.

WALLACE, W. E., & Lambert, W. E. **Attitudinal dynamics in second language acquisition.** Canadian Modern Language Review, 1996, p.141-157. Acesso em: 06 Fev. 2024.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO - DOCENTES

QUESTIONÁRIO – Teste de diagnóstico de variação linguística aplicado a docentes

Dados de identificação:

Nível em que leciona: Ensino Fundamental () Ensino Médio ()

Disciplina que leciona: _____

Anos em que atua no momento: _____

Formação docente: _____

Instituição em que se formou: _____

Ano de formação: _____ Tempo em que atua como docente: _____

Naturalidade: _____ Sexo/Gênero: _____

Nº	Afirmações	V	F
1.	O português bem falado é aquele que se aproxima ao apresentado nas gramáticas normativas.		
2.	A língua escrita é mais correta que a falada.		
3.	Em qualquer situação da vida posso falar do mesmo jeito.		
4.	Eu falo bem.		
5.	Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras de ortografia.		
6.	Os adultos falam melhor que crianças e jovens.		
7.	Para escrever bem, é preciso ler muito.		
8.	Para escrever bem devo melhorar meu jeito de falar.		
9.	O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras de gramática.		
10.	A linguagem dos livros é sempre melhor e mais bonita do que meu modo de falar.		
11.	Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português.		
12.	A escola deve corrigir a fala dos alunos.		
13.	Para se escrever direito, é necessário aprender gramática normativa.		
14.	Os professores de Português devem ensinar gramática normativa para que os alunos escrevam bem.		
15.	Eu tenho orgulho do meu jeito de falar porque é igual ao das pessoas do lugar onde nasci.		
16.	Só há um modo de falar corretamente: aprender o que a escola ensina.		
17.	Só a escola ensina a falar e escrever bem.		
18.	O meu jeito de falar em Corumbá-MS é bonito.		
19.	Há outras falas mais bonitas que a de Corumbá-MS. Por exemplo, a de: _____		
	Observações/comentários que considerar pertinentes:		

ANEXO
QUESTIONÁRIO - ALUNOS

Teste diagnóstico de variação linguística aplicado a alunos

Dados de identificação:

Idade: _____ anos

Sexo/Gênero: Feminino () Masculino ()

Lugar onde Nasceu: _____

Há quanto tempo mora em Corumbá: _____

Bairro onde mora: _____

Leia as afirmações a seguir e marque um X para V de verdadeiro ou F de falso:

Nº	Afirmações	V	F
1.	O português bem falado é aquele que se aproxima do apresentado nos livros da escola.		
2.	A língua escrita é mais correta que a falada.		
3.	Eu falo bem.		
4.	Para saber escrever bem, é preciso dominar as regras da escrita.		
5.	Os adultos falam melhor que crianças e jovens.		
6.	Para escrever bem, é preciso ler muito.		
7.	Para escrever bem devo melhorar meu jeito de falar.		
8.	O bom professor de português fala sempre de acordo com as regras apresentadas nos livros da escola.		
9.	Para aprender a escrever, o aluno deve aprender a falar como seu professor de Português.		
10.	A escola deve corrigir a fala dos alunos.		
11.	Para se escrever direito, é necessário aprender as regras que trazem os livros da escola.		
12.	Os professores de Português devem ensinar as regras apresentadas nos livros para que os alunos escrevam bem.		
13.	O meu jeito de falar é igual ao das pessoas com quem convívio no lugar onde moro, por isso eu tenho orgulho do meu jeito de falar.		
14.	Eu tenho orgulho do meu jeito de falar porque é igual ao das pessoas do lugar onde nasci.		
15.	Só há um modo de falar corretamente: aprender o que a escola ensina.		
16.	Só a escola ensina a falar e escrever bem.		
17.	O meu jeito de falar é muito diferente do jeito dos professores da escola.		
18.	O jeito de falar em Corumbá-MS é bonito.		
19.	Há outras falas mais bonitas que a de Corumbá-MS. Por exemplo, a de _____		